



A REPRESENTAÇÃO EM CONQUISTA ESPIRITUAL SOBRE A INVASÃO E A DESTRUIÇÃO DA PROVÍNCIA DO TAPE

Gabriele Rodrigues de Moura¹

Resumo

A presente pesquisa tem por finalidade apresentar um histórico sobre as primeiras Missões na Província do Tape, que hoje forma o atual Estado do Rio Grande do Sul, pertencente à Província Jesuítica do Paraguai, entre os anos de 1626 até 1638. Este recorte temporal segue desde o início do processo missional indígena no Tape até a transmigração ou êxodo Guaraní rumo à região mesopotâmica argentina. O estudo voltou-se especificamente para as representações presentes no livro *Conquista Espiritual*, escrito pelo jesuíta Antônio Ruiz de Montoya, durante sua estada na Corte de Madrid defendendo o armamento indígena (1639). Dentro da perspectiva das representações presentes no livro, os bandeirantes tornaram-se personagens maniqueístas, dentro de um imaginário pertencente ao cristianismo desde os seus primórdios: a eterna luta do bem contra o mal.

Palavras-chave: Bandeirantes, Província do Tape, História das Missões Jesuíticas.

“A cavalaria ligeira da Igreja” e a sua chegada a Província do Paraguai

Pertencente ainda a Província do Peru, no ano de 1537, foi fundada a cidade de Assunción del Paraguay, posteriormente governada por Irala entre os anos de 1544 até 1557. Segundo Schallenger (1997, p.10), os problemas enfrentados durante a administração de Irala surgiram devido às circunstâncias adversas e imodificáveis, como também, o descontentamento e os distúrbios dos colonos espanhóis só eram cessados quando ocorriam sublevações indígenas a cidade. O arqueólogo e historiador Arno Alvarez Kern (1998, p. 08) salienta que, o começo da conquista na Região Platina ocorreu durante o século XVI, tendo como por consequência as guerras entre conquistadores e indígenas, o etnocídio e fuga para regiões bastante longínquas, além da escravidão e integração étnica, ocorridas com a mestiçagem dos colonizadores com as índias. Para tentar amenizar este problema com os indígenas foi pedido auxílio para a Igreja, na busca de que com a catequese a situação fosse sanada².

¹ Graduanda do VII semestre do Curso de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bolsista PIBIC/CNPq e pesquisadora júnior do Programa de Pesquisas Interdisciplinares da Região Platina Oriental (PROPRATA), sob orientação do Prof. Dr. Arno Alvarez Kern pela mesma universidade. E-mail: gabriele.moura@acad.pucrs.br; gabibi_moura@hotmail.com. Artigo escrito como requisito para o Seminário de História do Rio Grande do Sul, ministrado pelas professoras doutoras Núncia Maria Santoro de Constantino e Gislene Monticelli, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009/1.

² Ver mais em: Schallenger (1997) e Kern (1998).

No caso específico do Paraguai, foram chamados os jesuítas para que o problema das sublevações indígenas fosse resolvido. Mesmo com a presença dos franciscanos na região do Paraguai, não eram contidos os conflitos entre espanhóis e indígenas, que só aumentavam com a questão da encomienda. Neste sentido,

[...] ainda no processo de expansão da sociedade ibérica, o movimento da Igreja, endossado pelo Estado e incorporado como ideologia, procurou conquistar almas para o reino de Deus, dentro de uma perspectiva profética de conversão dos povos e de expansão do cristianismo, isto é, do catolicismo (SCHALLENBERGER, 1986, p.47).

Os jesuítas chegaram ao Paraguai no ano de 1586, sendo extremamente bem recebidos pelos espanhóis. Eles foram chamados pelo bispo de Tucumán para dedicarem-se a catequização dos indígenas e os cuidados religiosos que os espanhóis necessitavam, porém, ao chegarem descobriram a existência de dois jesuítas espanhóis no território,

[...] en conformidad con los deseos del Obispo de Tucumán, llegaron a Buenos Aires, en enero de 1587, después de no pocas peripecias, los jesuítas portugueses Padre Leonardo Armini, Manuel Ortega, Juan Saloni, Tomás Fields y Esteban Grao, y aunque recibidos y agasajados por el entonces Obispo del Paraguay, Monseñor Alonso de Guerra, les sorprendió la noticia de que, hacía año y medio, habían llegado y se hallaban en estas regiones dos jesuítas españoles, los Padres Francisco de Angulo y Alonso Barzana, enviados por el Provincial del Perú, de acuerdo a la anterior petición del Obispo Victoria (FURLONG, 1962, p.29).

Um ano depois, os jesuítas vindos do Brasil deveriam voltar para as suas terras, no entanto, grande parte deles permaneceu em terras paraguaias por serem conhecedores da língua Guaraní. Eles não chegaram a fundar nenhum povoado, porém foram responsáveis pelos cuidados com os índios e espanhóis, preparando assim o terreno para os jesuítas espanhóis que viriam posteriormente. De acordo com o padre Jurandir Aguilar:

[...] a presença jesuíta na América Meridional aconteceu num *momento segundo* do avanço expedicionário do conquistador espanhol e português ao desbravar as novas regiões. Os missionários da *primeira hora* foram impulsionados por um verdadeiro entusiasmo místico-aventureiro, que os encorajaram a penetrar os territórios ao sul no vice-reinado do Peru, povoados por tribos nativas, de diversas línguas, deparando-se com estruturas rudimentares de organização, enfrentando todas as surpresas e riscos de uma vida em meio a um *habitat selvático*. (AGUILAR, 2002, p.13)

Com a chegada dos jesuítas em 1588³ a Assunção, e depois à Província do Guairá, a ação missionária passava a ter um caráter mais humanista dentro do processo de colonização espanhola. Os primeiros missionários jesuítas (padres Manuel Ortega e Tomás Fields), que chegaram ao Paraguai eram provenientes da Província do Brasil, passaram

³ Aguilar (2002, p. 14) afirma que antes da chegada dos jesuítas, os frades franciscanos San Buenaventura e Luis Bolamos, em 1578, já estavam reduzindo os índios para evangelizá-los.

pelo povoado de Ciudad Real até chegar ao povoado de Vila Rica do Espírito Santo, que era habitado pelos espanhóis. Para Aguilar:

[...] marca-se o início de um trabalho apostólico, com muitas interrupções, e lançavam-se as primeiras bases da evangelização, com os colonos espanhóis e com os indígenas, que se estabelecerá de modo realmente organizado a partir de 1609, quando da chegada dos jesuítas José Cataldino e Simon Mascetta, à terra considerada *extremam orbis partem*. (AGUILAR, 2002, p.14)

Os padres Manuel Ortega e Tomás Fields dedicaram-se as missões volantes, ou seja, executavam os batismos coletivos dos índios, visando assim à cristianização. Durante o final do século XVI e início do XVII, sucedeu que os jesuítas passam a atuar em defesa dos indígenas, conforme salienta Kern (2006). Esta defesa começou no ano de 1593, com a presença do padre Pedro Romero. Segundo o historiador Danilo Lazzarotto (1977, p.45) “este, por sua vez, exigiu o estabelecimento de medidas mitigadoras contra a escravidão como uma condição de continuarem seu apostolado entre os índios encomiendados”. Esta defesa dos indígenas trouxe tantos problemas para os jesuítas, que acabaram entrando em confronto com os interesses dos colonos espanhóis, que a solução encontrada foi separar a Província do Paraguai da Província do Peru, da qual fazia parte até então.

O grande acontecimento da expansão missionária foi a fundação da Província Jesuítica do Paraguai, que foi criada pelo padre Cláudio Aquaviva, no ano de 1607. Tal fato ocorreu devido à impopularidade dos jesuítas entre os colonos espanhóis, surgida quando estes padres passaram a defender os indígenas do trabalho excessivo, ao qual estavam sendo submetidos pelos colonos. No ano de 1608, segundo Aguilar (2002), as circunstâncias para que isto fosse possível eram muito favoráveis, pois, o governador Hernando Arias de Saavedra era amigo dos jesuítas.

Os jesuítas defendiam ao máximo a sua obra, não aceitando, na maior parte das vezes, a ajuda dos soldados espanhóis para que não houvesse nenhuma espécie de comprometimento. Suas missões surgiam como forma de afastar os índios dos maus-exemplos dos colonos, pois com a convivência entre eles, a conversão ao cristianismo tornava-se impossível de ser feita. Sendo assim,

[...] as missões jesuíticas da antiga Província do Paraguai resultaram, pois, de uma medida política do sistema colonial, numa associação dos interesses da Igreja e do Estado, para trazer uma solução humana e cristã para os conflitos resultantes da indiscriminada exploração da força de trabalho indígena pelos colonos espanhóis e de seu avanço sobre os territórios tribais (SCHALLENBERGER, 1997, p.10).

Então, quando se iniciou a conquista pela cruz, houve uma considerável transformação na vida dos indígenas que, segundo Kern, acabaram emergindo paulatinamente da pré-história, entrando em contato com a sociedade colonial americana,

pois, “os guaranis saem de suas aldeias neolíticas de horticultores para ingressar nos ‘pueblos de índios’ coloniais: uma nova realidade que jamais existiu na velha Europa” (KERN, 1994, p.55).

Os jesuítas, assim como os colonos espanhóis, também retiraram os indígenas de seu espaço étnico, mas com propósitos diferentes, colocando-os dentro de um ambiente desconhecido, com conceitos e padrões diferentes aos que eles conheciam até então. Cabe salientar que, para os Guarani seu espaço físico era toda a mata e este estava ligado a todo o resto da vida social, econômica e política destes povos, remetendo-os aos tempos imemoriais dos seus antepassados que lá viveram. Mesmo com as adaptações vindas de ambos os lados para a convivência nas missões, para os indígenas foi um choque muito grande esta nova perspectiva espacial ao qual eles eram apresentados ao seguirem para as missões.

1. A chegada dos primeiros jesuítas espanhóis⁴ no Tape

Antes de tratar como foram as Missões da Província Jesuítica do Paraguai, mais especificamente, as do Tape. A região do Tape alguns historicamente, pois consideram, ao que diz Arno Kern

[...] que Tape é região, outros afirmam mesmo que seria uma sub-etnia dentro dos Guaranis. Arqueologicamente seriam grupos que teriam já sofrido um processo de aculturação quando os Guarani chegaram ao contato com os Charrua, exatamente os Charrua. Alguns afirmam mesmo que, não sei porque não fui eu quem fiz a análise, haveria distinção da cultura material entre esses Guarani do Tape, da região do Tape, e os Guarani tradicionais, como se encontra, por exemplo, no vale do rio Uruguai, na zona acima das Missões, na zona do que hoje seria Passo Fundo essa região aí. Não é uma zona ainda de Kaingáng, porque os Kaingáng são refugiados na zona de matas. (Comunicação pessoal, 13 de maio de 2009).

Esta citação longa, entretanto, necessária ao presente projeto tem o objetivo de designar historicamente a região do Tape. No presente projeto, entende-se, baseado no mapa feito pelo Pe. Carlos Techauer, de 1918, que a região abrangeria geograficamente no atual Estado do Rio Grande do Sul, divididas em duas zonas de missionação: a Banda Oriental do Rio Uruguai (ou Tape Setentrional) e o Tape propriamente dito (correspondente a Zona Central do Rio Grande do Sul). (TECHAUER, 2002, p.217)

A partir de tais constatações, deve-se fazer uma rápida explanação sobre o momento da chegada dos jesuítas, e os primeiros contatos que estes tiveram com os Guarani, através das missões volantes. Com os insucessos das missões volantes, os Guarani voltavam à

⁴ Esta definição de que são os jesuítas espanhóis é para deixar claro o tema da pesquisa, pois durante o final do século XVI, jesuítas portugueses já estavam fundando aldeias na região do Tape. Maiores informações em: César (1981) e Flores (2008).

selva e aos seus antigos hábitos após o batismo. Observa-se que, por consequência disso, os jesuítas decidiram tentar uma nova forma de conversão ao cristianismo, que se dividia entre os atos de colonizar (civilizar aos moldes espanhóis) para depois cristianizar. *Reduções* dos arqueólogos ou as *Missões* dos historiadores. Essas designação de Missão e Redução são, segundo Arno Kern

[...] foram criados pelos arqueólogos para diferenciar a primeira e a segunda fase do processo missionário. Arqueologicamente, tais conceitos foram criados apenas para não haver confusões entre as tipologias da cultura material, entretanto, para uma definição histórica o melhor termo a ser utilizado seria o de Missão (Comunicação pessoal, 13 de maio de 2009)

Conforme Schallenger (1997, p.162) a evidência adicional para tal confirmação, detalhada mais adiante, acontecia quando os jesuítas convenciam os Guaraní a viverem nas chamadas missões, que na visão indígena seriam uma forma de se libertar dos serviços de *encomienda*⁵. Neste sentido, destaca Schallenger que

[...] as reduções assumiram um caráter de defesa do índio diante dos abusos do colonialismo. Assim, os padres defenderam os índios contra os espanhóis, que há muitos anos ali se encontravam e estabeleceram “desordem e pecados”. Foram os abusos do colonialismo que tornaram a organização reducional possível. (SCHALLENGER, 1997, p. 81)

Segundo Paula Caleffi (1992), estas reduções surgiram com o intuito de facilitar a evangelização dos guaranis, e romperia com a dispersão existente (quando eram apenas batizados nas missões volantes). Montoya nos dá o conceito de redução, da seguinte maneira

[...] note-se que chamamos de “Reduções” aos “povos” ou povoados de índios que, vivendo a sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos, em três, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questão de léguas duas, três ou mais, “reduziu-os” a diligência dos padres a povoações não pequenas e à vida política (civilizada) e humana, beneficiando o algodão com que se vistam, porque em geral viviam na desnudez, nem ainda cobrindo o que a natureza ocultou (MONTAYA, 1985, p. 34).

Os primeiros contatos dos jesuítas espanhóis com os indígenas da região, ou os *Tapes*, começaram no ano de 1615, com as primeiras tentativas de Roque González seguir para a margem esquerda do Rio Uruguai. Devido às inúmeras negativas dos indígenas, principalmente dos xamãs, este projeto do jesuíta demorou a se concretizar. Conforme a afirmação do padre Carlos Techauer :

[...] planejando o padre provincial Oñate mais outras fundações, em princípios de 1617 encarregou ele ao padre Roque uma expedição ao Alto-Paraná, que ainda estava por descobrir. É que lá ainda não chegara nenhum europeu, e os próprios neófitos tinham tal medo aos habitantes

⁵ Este assunto da *encomienda* também é tratado por Montoya (1997), Danilo Lazzarotto (1977) e Schallenger (1986).

daquela região que se recusaram terminantemente a acompanhar ao intrépido explorador. E não foi sem razão, pois, cedendo as águas do Paraná à quilha do apóstolo, os selvagens de ambas as margens lhe negaram passagem. Mas venceu também a eles a sua intrepidez apostólica. (TECHAUER, 2002, p. 79)

A chegada de Roque González na região do Tape só foi possível, segundo o historiador Moacyr Flores, pelo fato de que “uma epidemia grassou entre os Guarani do Tape e os xamãs não tendo conseguido a cura, permitiram que Roque González cruzasse o rio Uruguai, portando a imagem de N. Sra. Conquistadora” (FLORES, 2006, p. 25). A partir deste acontecimento iniciam as primeiras missões da Província do Tape, que serão tratadas abaixo.

1.1 Missões da Província Jesuítica do Tape

Por volta de 1626, padres jesuítas se deslocam para a região do Tape, com o intuito de instalarem ali missões jesuíticas como uma dilatação das missões do Paraguai. O primeiro povoado criado foi o de São Nicolau do Piratini, no mesmo ano. Conforme Techauer, “soube ele ganhar a simpatia dos índios e, no dia da invenção da Santa Cruz do mesmo ano de 1626, depois de celebrada a missa, arvorou o símbolo da Redução e tomou posse do sítio, a que deu o nome de São Nicolau” (TECHAUER, 2002, p. 84).

Ao que salienta o arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro, a criação dessas missões só foi possível, pois,

“aos 4 de julho de 1626, foi firmado um acordo entre o Governador da Província do Prata, D. Francisco de Céspedes, e a Companhia de Jesus, representada pelo Padre Roque González de Santa Cruz, em que os padres recebiam autorização das duas coroas (Domínio Espanhol) para fundarem redução” (MENTZ RIBEIRO, 1976, p. 05).

A partir disso, além da missão de São Nicolau, foram fundadas nos anos seguintes, tais missões: em 1627, Canelaria (Piratini) e Candelária (Ibicuí); em 1628, Caaró, Assunção e São Francisco Xavier; em 1629, São Mártires do Japão; em 1631, São Carlos; e, em 1633, Apóstolos⁶. Kern afirma que “a etnia que mais foi tocada, nessa instalação de uma frente de colonização missionária espanhola foi os Guarani, pois representariam a aceitação do projeto da Missão, pois já acostumados a uma vida aldeã, aceitando melhor a migração da aldeia para o povoado missioneiro” (comunicação pessoal, 13 maio 2009). Tal fenômeno se dividia em duas formas: os indígenas que viam o jesuíta chegar a suas aldeias, e aqueles que procuravam construir pequenos povoados para atrair os missionários, tentando estimular a criação de um povoado definitivo⁷.

⁶ Estas informações encontram-se na tabela criada por Techauer (2002).

⁷ Tais afirmações são encontradas em Montoya (1997) e Techauer (2002).

No ano de 1628, ocorre um fato importante para a história das missões da região do Tape, pois é quando se encerra o trabalho missional do padre Roque González, que foi assassinado junto aos seus companheiros a mando do cacique Neçú, no dia 15 de novembro de 1628. Estes casos de martírio, não foram apenas o de Roque González e seus companheiros, porque cinco anos depois o padre Cristovão de Mendoza é cruelmente assassinado pelos indígenas no Ibia⁸.

Mesmo com estes acontecimentos, ou com a frase “onde o Evangelho entrou sem armas, derramaram o seu sangue cinco sacerdotes da Companhia com insígnies martírios” (MONTROYA, 1997, p.49), na introdução de *Conquista Espiritual*, cerca de 18 povoados missioneiros foram fundados na região, durante as décadas de 20 e 30 do século XVII. Entretanto, este número considerável de missões fundadas não pode ser considerado um êxito dos jesuítas, pois quando começaram a pôr em prática as suas idéias de sociedade dentro dos povoados, ocorreram os ataques bandeirantes.

Quando Antônio Raposo Tavares inicia as invasões a região do Tape, os povoados são avisados e o grito de socorro chega até Buenos Aires e Assunção. Não há somente uma tentativa de defesa por partes dessas missões. O arqueólogo Pedro Mentz Ribeiro (1976, p.01) encontrou algumas aldeias, principalmente a missão de Jesus-Maria escavada por ele, protegidas por muros feitos de taipa, com troncos de árvores e uma pequena elevação de terra e pedra, para a defesa dos povoados. Como solução para escapar da escravidão e da morte, vinda com as invasões bandeirantes, jesuítas e seus indígenas fugiram para a região mesopotâmica argentina.

Segundo Kern, a região mesopotâmica encontra-se entre os rios Uruguai e Paraná, e era vista como uma zona de defesa aos ataques bandeirantes. Entre os anos de 1631 (êxodo Guairenho) e 1638-39 (êxodo Tapeano) houve duas fugas missioneiras face às investidas bandeirantes,

“tendo o rio Uruguai como defesa, essas missões de Guaraní provaram que poderiam fazer face à investida bandeirante. Se de novo os bandeirantes atacassem, eles atacariam numa situação difícil. Primeiro, teriam de atravessar o rio, para depois, conseguirem fazer face aos soldados armados, com arcabuzes e tal, do outro lado”. (Comunicação pessoal, 13 de maio de 2009).

Os jesuítas optaram por defender seus indígenas, enfrentando junto a eles as duas frentes de colonização luso-espanhola, tornando-se mais forte esta proteção por parte dos jesuítas, no momento em que as missões do Tape são destruídas. Em meio ao caos, os jesuítas assumem o papel de novos pais ou pajés destes indígenas. Este papel paternal,

⁸ As representações dos martírios destes jesuítas estão presentes no livro *Conquista Espiritual* (1997), mas não serão tratadas no presente artigo.

resultou na ida do Pe. Montoya à Corte de Madrid, no ano de 1638, visando a defesa do armamento indígena para fazer frente às investidas bandeirantes.

2. O diário de campo que virou livro

O padre Montoya, após os ataques bandeirantes assumiu ainda mais a defesa dos seus catecúmenos⁹, com isso aceitou ser enviado por seus superiores à Corte de Madrid, para advogar em defesa destes indígenas e pedir para que fossem armados. Montoya, no período das últimas invasões era superior das Missões (1637 e 1638). Na corte permaneceu durante 5 anos, onde em seus memoriais informam detalhadamente as autoridades reais sobre os acontecimentos que se sucederam nos anos anteriores na Província Jesuítica do Paraguai.

Montoya visava com que atitudes fossem tomadas em relação ao fato, visto que os bandeirantes envolvidos e o governador do Paraguai, já haviam sido excomungados, porém, uma posição real para a resolução seria muito importante para que a situação fosse resolvida. Pois, quando ocorreram as invasões nada foi feito pelas autoridades espanholas, o Vice Rei do Brasil, Don Diego Luis de Oliveira, não tomou nenhuma medida que pudesse solucionar tal questão, por isso, os jesuítas tomaram a decisão de “recorrer ao Rei de Espanha, Felipe IV, com domínio sobre Portugal e as colônias do Brasil” (REBES, 2001, p. 36).

Ao tratar com o Primeiro Ministro, o Condeduque de Olivares, e uma junta de portugueses e espanhóis, em 1638, Montoya conseguiu que as determinações¹⁰ fossem convertidas em lei. Segundo Rebes “por Cédula Real, se ordena armar os índios para sua defesa” (REBES, 2001, p. 36), sendo este o primeiro triunfo para os jesuítas em relação às medidas que evitavam que os fatos denunciados voltassem a acontecer. Porém, antes do recebimento da licença para o armamento dos indígenas, que só seria possível depois de 1639, os jesuítas por acreditarem que seria direito de seus catecúmenos se defenderem, conseguiram uma medida provisória com o governador de Buenos Aires para a obtenção de arcabuzes e munição. Diante deste fato, podemos notar a necessidade e a urgência no armamento indígena, pois, os jesuítas já percebiam, desde 1627, que os bandeirantes se valiam do fato de que não teriam resistência ao invadir as missões.

Enquanto esperava resposta do rei, Montoya deparou-se com a oportunidade de “imprimir ‘Conquista Espiritual’, onde relata os principais acontecimentos do trabalho missionário nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape” (REBES, 2001, p. 36). O

⁹ O termo catecúmenos tem como significado a palavra “noviço”, ou a qualificação de alguém que está sendo iniciado na vida cristã, através do aprendizado da Palavra de Deus na catequese.

¹⁰ Dentre estas determinações estava o armamento dos indígenas, para que estes pudessem defender as reduções e, conseqüentemente, as fronteiras do império espanhol na América.

livro *Conquista Espiritual* dedica-se a retratar as atividades missionais nas reduções durante os anos em que lá esteve (1612 à 1637), denunciando os abusos daqueles que destruíam a obra que foi realizada entre os indígenas. Os textos escritos por Montoya podemos notar que não somente se evidencia, “uma relação de um missionário que informa suas atividades para seus superiores, mas também um analista crítico da realidade social, econômica e política em que viviam os índios das colônias espanholas”(REBES, 2001, p.18).

O livro apresenta uma visão do outro, apresentados sob o olhar atento e analítico de Montoya, o que demonstra segundo o historiador Michel de Certeau “parece existir uma conexão entre os movimentos intelectuais, que uma história das idéias revela, e as modificações e hierarquizações, que uma história social descreve” (CERTEAU, 2000, p. 137). Como enfatiza Rebes

[...] com o conhecimento do idioma, avançou sobre aspectos fundamentais da vida do guarani como são: os xamãs, as cerimônias, a embriaguez ritual, a organização familiar, as festas, os rituais de comensalidade, a ecologia, o culto aos mortos e a religião. Chegou a perceber as diferenças entre os distintos grupos que conhecia, buscando as causas e os motivos destes elementos culturais (REBES, 2001, p. 18).

Prossegue a autora afirmando que, “o cuidado com a redação, as volta idiomáticas característico do seu tempo, como também a ortografia são em essência os aspectos básicos dos escritos” (REBES, 2001, p. 62). Será dentro desta conexão de idéias, defendida por Certeau (2000), e de todas as observações feitas por este limenho durante anos de sua vida, que ele percebeu algumas características dos guaranis, dignas de louvor ou de repressão. O autor prossegue ainda afirmando que

[...] assim, na sociedade selvagem, exposta à vista do observador como um país imemorial (“as coisas têm sido sempre assim” diz o indígena), supõe-se uma palavra que circule sem saber a quais regras silenciosas obedece. Corresponde à etnologia articular estas leis numa escrita e organizar este espaço do outro num quadro de oralidade (CERTEAU, 2000:211).

Mesmo com certos hábitos condenáveis, como a poligamia e a antropofagia, no livro *Conquista Espiritual* notamos expressões repletas de afeto aos seus catecúmenos, demonstrando um não distanciamento do contexto no qual eram desenvolvidos os acontecimentos, mesmo que em certos momentos do texto utilizem-se recursos literários barrocos¹¹ para explicar o que ele considerava como “milagres da Divina Providência”¹².

¹¹ Este estilo estava entre o maneirismo e o rococó, sendo utilizado como uma arte de catequese. O Barroco também ficou conhecido como a arte do convencimento, onde o cristão estaria fazendo parte da luta do bem contra o mal. A literatura barroca é caracterizada pelo uso de uma linguagem dramática expressada através do exagero de hipérboles, metáforas, anacolutos e antíteses. No caso da escrita do jesuíta Antônio Ruiz de Montoya, o estilo literário barroco utilizado por ele estava ligado ao gongorismo, caracterizado por um rebuscamento da forma, exageros retóricos, construções complexas onde a ordem da frase é invertida, o léxico erudito. Para saber mais ver: Coutinho (2009).

No livro *Conquista Espiritual*, os padres jesuítas, bandeirantes e os Guarani, assumem um papel principal sob a visão de mundo do autor. Porém, por não existir uma visão oposta, será por meio desta visão que encontraremos alguns dos elementos que mostram a forma de vida que estes personagens históricos levavam.

Enfim, cabe lembrar que, a visão de Montoya a respeito dos fatos era mais global, pelo fato deste ser um *criollo*, característica que o diferenciava dos jesuítas europeus, pois isto acabava fazendo-o compreender melhor as necessidades indígenas, porém, isto não o fez ter uma visão livre de preconceitos e julgamentos em relação a determinados personagens, como no caso dos bandeirantes, como veremos a seguir.

2.1 A escrita de uma história Indígena-Jesuíta: *Conquista Espiritual*

Deve se considerar o livro *Conquista Espiritual* do padre Antonio Ruiz de Montoya, como um primeiro registro de época sobre a constituição das primeiras reduções na Província Jesuítica do Paraguai. Este livro foi escrito no momento em que Montoya encontrava-se nas missões, e parte em Madrid, devido a perda de páginas durante a viagem, e teve como objetivo a descrição e a defesa das missões, onde ele dedicou 25 anos de sua vida ao trabalho de evangelização dos indígenas. A obra apresenta recursos narrativos do autor, pois utilizou-se de representações maniqueístas para descrever o processo histórico, do qual participou como autor e ator.

Dentro desta perspectiva de mundo, tornou o Tape não apenas o cenário, mas o palco e a platéia, onde os acontecimentos se desenrolaram, até o êxodo Guarani. Segundo Certeau

[...] é necessário interrogar-se, igualmente, a respeito das consequências, para a nossa interpretação, dos métodos distintos que utilizamos nestes dois setores: um ideológico e literário, naquilo que concerne aos sistemas de pensamentos; o outro, sociológico, naquilo que concerne às práticas (CERTEAU, 2000, p. 124).

Devemos perceber que, o que foi escrito no livro a *Conquista Espiritual*, trata-se da descrição de todo o processo de catequização e início das missões dentro de uma visão unilateral dos fatos, pois, ao deparar-se com o outro, segundo Certeau o “conquistador irá escrever o corpo do outro e nele traçar a sua própria história. Fará dele o corpo historiado – o brasão – de seus trabalhos e de seus fantasmas. Isto será a América ‘Latina’” (CERTEAU, 2000, p. 09). Por isso, como salienta os padres Rabuske e Bruxel, na apresentação do livro *Conquista Espiritual* salientam que,

¹² Isto será o que Certeau defende como uma configuração que se divide em dois termos, onde o autor interroga-se “sobre o alcance desta palavra instituída no lugar do outro e destinada a ser estudada de uma forma diferente da que fala” (CERTEAU, 2000, p. 212).

[...] tem-se considerado, durante mais de três séculos, por justas razões a “Conquista Espiritual” de Montoya um livro clássico das Reduções Guaranis do Antigo Paraguai. Não porque houvesse de ser uma história completa daquelas afamadas Missões, pois nem sequer o é quanto a seus cerca de trinta anos iniciais, mas pelo fato de importar numa de suas fontes mais importantes. (RABUSKE; BRUXEL, 1985, p. 09).

Cabe salientar que a *Conquista Espiritual* apresenta muitas passagens de texto complexas e parciais, narradas através de lembranças do autor sobre os fatos. Kern afirma que o livro foi escrito com o objetivo de ser entregue ao rei da Espanha, quando o processo estava sendo “movido contra os bandeirantes paulistas escravocratas que haviam destruído os povoados missioneiros nos vales do Rio Paranapanema e de seus afluentes” (KERN, 1998, p. 02).

Buscando, ao que Rebes (2001) se refere ao reunir através da literatura e de outras representações das idéias da época, elementos que nos mostrem a forma de vida que estes personagens históricos tinham no seu tempo. Certeau afirma que a

[...] interrogação suscitada por este funcionamento social da religião remete à questão mais ampla das relações que as representações ou as ideologias religiosas mantêm com a organização de uma sociedade e, secundariamente, a dos critérios de que dispomos atualmente para julgar uma “realidade” social que permitia apreciar ou o engano (se são efeitos de superfície), ou a eficácia (se são determinantes), mas em todo caso, o sentido das expressões religiosas (CERTEAU, 2000, p. 137).

Schallenger enfatiza que, embora esta “preocupação básica não se prenda a uma representação de fatos que retratem cenicamente uma demonstração empírica da ação humana na área geográfica em foco, buscar-se-á descobrir os interesses que os geraram e qual a sua significação humana” (SCHALLENGER, 1997, p. 48).

Assim, Montoya nos ajuda a entender o processo de transculturação que ocorreu na região do Prata, descrevendo como foram os primeiros contatos dos jesuítas com os indígenas, quais eram as relações existentes entre eles, como também, com os colonizadores luso-espanhóis. Kern enfatiza que

[...] precisamente no momento em que justifica a sedentarização dos indígenas nos povoados missioneiros, [...] Montoya parece se dar conta de seu papel de agente histórico atuando nesta importante fronteira cultural se estabelece entre o passado neolítico recente dos indígenas guaranis e a modernidade européia que se tenta implantar (KERN, 1998, p. 09).

Sendo assim, Montoya tornou-se um grande agente histórico neste processo que constituiu a primeira fase das reduções jesuítico-guarani, assumindo a defesa dos indígenas frente aos interesses coloniais, de *encomienda* e escravidão dos colonos espanhóis e bandeirantes. Schallenger afirma que dentro da perspectiva ética da colonização,

[...] os motivos humanos originados em meio às circunstâncias coloniais tiveram papel importante na definição dos rumos do processo colonizador.

Estes motivos imprimiram características próprias à colonização, fazendo com que se evidenciassem contradições e se buscassem estratégias que configuram a diversidade na unidade, isto é, dentro do mesmo movimento global de expansão colonial da sociedade ibérica houve forças que atuaram de forma contraditória (SCHALLENBERGER, 1986, p. 102).

Segundo Kern, Montoya foi responsável pela descrição sistemática de suas atividades missionais e de seus companheiros. Documentando em especial “os primeiros contatos com os Guaranis em seu *teko hã* (lugar onde os guaranis viviam) o processo de sedentarização dos indígenas e as transformações sociais modernizadoras que terminaram por transformar o *nhande reko* (modo de ser guarani)” (KERN, 1998, p. 09). Para Rebes (2001) estes elementos, que formam toda a narrativa encontrada no livro, fizeram com que Montoya pudesse ser considerado um homem do seu tempo. Ao passo que, ele tornou-se o personagem principal da realidade em que atuou, junto as pessoas que conheceu, procurou compreender e defendeu (os guaranis), da mesma forma que, aquelas que ele acusou e considerou dignas de excomunhão (os bandeirantes).

3. *Avante Guerreiros! A fuga para a região mesopotâmica argentina*

O século XVII foi uma época em que as grandes lavouras de açúcar do Nordeste estavam ocupadas pelos holandeses, o mercado de mão-de-obra negra, escrava, de Angola, pertencia aos holandeses também, então, eles tinham acesso aos escravos necessários à produção açucareira do Nordeste, que eles dominavam. Ao que diz Kern, em sua entrevista “aos bandeirantes, restava vir ao Sul buscar mão-de-obra indígena para esses engenhos de açúcar, que agora os portugueses começam a instalar no sul da Bahia, no Espírito Santo, no litoral do Estado do Rio de Janeiro, e no litoral de São Paulo” (comunicação pessoal, 13 de maio de 2009). Por não existirem escravos negros para os seus engenhos, a solução seria escravizar o indígena.

Em decorrência disso, da fuga para a região mesopotâmica entre os rios Paraná e Uruguai, conforme o historiador Eduardo Neumann

[...] e por ser nesta época que pela primeira vez é feita a concessão de armas de fogo aos guaranis sob a tutela jesuítica, o que possibilitou o rechaço às investidas bandeirantes que quase inviabilizaram a experiência reducional jesuítica em terras rio-platenses. Assim, em 1641, quando ocorre a Batalha de M'bororé, os bandeirantes paulistas foram derrotados pela 'milícia guarani' orientada pelos jesuítas. A partir deste confronto, os bandeirantes poucas vezes voltaram a investir contra a Província Jesuítica. (NEUMANN, 1996, p.16).

Esta crise criada pelas invasões dos bandeirantes só seria resolvida no ano de 1641, quando ocorre a famosa batalha de M'bororé com a vitória indígena. Abaixo veremos como estes bandeirantes foram representados no livro *Conquista Espiritual*.

4. As representações sobre Raposo Tavares e os bandeirantes mamelucos

Eis que surge o mal representado em seu estado mais puro e cruel, a visão mais maniqueísta de todas e mais voltada às idéias de cruzada contra os mouros. Se os pajés eram retratados como “emissários do demônio”, Raposo Tavares seria o próprio, e seus companheiros nada mais seriam do que figuras surgidas do inferno. No livro *Conquista Espiritual* não nos deparamos com o mito do “herói bandeirante desbravador dos sertões”, pois os paulistas segundo Montoya tinham por objetivo maior “destruir o gênero humano, matando a seres humanos, se estes, para fugirem da miserável escravidão em que os põe, lhes escapam” (MONTOKYA,1997, p.141).

O autor afirma que, as invasões bandeirantes na região do Tape foram previstas cinco anos antes, da seguinte maneira:

[...] quando toda essa terra se achava em plena paz e julgando-se, a partir de muitas e evidentes razões, que não seria possível entrassem nela esses homens paulistas, mesmo cinco anos antes determinada pessoa, à qual o céu havia revelado a destruição que fariam eles por ali, escreveu da seguinte forma num papel a um amigo seu, ocupado naquele ministério: 'Dentro de cinco anos aparecerá por ali aquela gente perversa e, para comprová-lo, guarde este papel até que eles venham, pois então lho pedirei de volta!'. Mas, a quem passaria pela cabeça que cristãos houvessem de fazer guerra à fé de Cristo, a não ser que, desde já, digamos que sejam hereges?! É que nesse tempo os moradores de São Paulo, Santos, São Vicente e de outras Vilas da Costa do Brasil, se preparavam para virem com nova guerra e perturbarem a paz, cativarem e matarem cristãos, incendiarem templos, ferirem e maltrataram os sacerdotes, despojarem as igrejas e porem fogo à virtude, bem como desarraigarem a religião cristã e plantarem uma sementeira de vícios detestáveis (MONTOKYA, 1997, p.271).

Ao que segue o jesuíta salientando que, quando houve o ataque bandeirante, aquele homem que tinha feito tal previsão pediu ao seu amigo de volta o papel onde isto estava escrito. O mal estava instaurado nas missões do Tape, e os acontecimentos que se sucederam lembrariam o juízo final. Mortes horrendas daqueles que tentavam resistir, de crianças e velhos; sofrimento; saqueamento dos altares; etc.

De modo que ainda nisso nos quis avisar o rastro e as pisadas, que aqueles monstros davam ou faziam alegremente em sua perdição, quando foram diligentes na dos índios gentios e cristãos, bem como quão doloroso tenham sido os passos que este Senhor teve de dar pela redenção de todos nós (MONTOKYA, 1997, p.271).

Seria assim que o jesuíta iniciava o capítulo final sobre as missões do Tape, o jesuíta relata que os bandeirantes entraram “pior que “alarbes” (árabes) em nossas reduções: cativando, matando e despojando altares”. (MONTOKYA, 1985, p. 125). Tal entrada remete, como afirmado antes, ao espírito de cruzada contra os infiéis, os mouros são agora bandeirantes, porém tendo o mesmo propósito de acabar com a “verdadeira palavra”.

Nesta “guerra”, muitos Guarani recém-catequizados decidiram lutar contra os invasores, como foi o caso do cacique Ayerobia, que

[...] teve o coração atravessado de dor à vista de homens, dizendo-se cristãos, estorvarem de tal modo a pregação do Evangelho aos gentios, e partiu em ajuda de seus irmãos. Para tanto armou-se com a confissão, sendo que numa refrega, em que tinha morto a muitos tupis, que são como ‘alarbes’ e são levados em sua colaboração pelos paulistas, teve morte ele próprio, ficando, porém, vivo seu nome e importando em confiança (!) de sua salvação (MONTROYA, 1997, p.251).

Outros exemplos de heroísmo por parte dos Guarani são percebidos ao longo da narrativa, pois mesmo o cristianismo pregando o perdão, os indígenas ainda eram guerreiros por princípio e por tradição milenar, não aceitando serem mortos ou escravizados.

Queriam os nossos soldados atacar o forte paulista, mas disto os dissuadimos, por tratar-se de empresa notoriamente perigosa. Mais acertado pareceu esperar-se inimigo em campo aberto, pois ele se tinha apoderado das plantações. A estas os nossos chegaram com mais tino e, por meio de ‘emboscadas’ a partir do mato, ali a cada passo mataram a muitos sem qualquer perigo próprio (MONTROYA, 1997, p.281).

Esses lobos em pelo de cordeiro, que Montoya em dado momento, refere-se como “beatão”, seriam aqueles que invadiam as reduções com rosários nas mãos, utilizando-se das contas para enumerar a quantidade de indígenas aprisionados. Os “tigres raivosos” e “bestiais”, nas ocasiões em que se deparavam com os indígenas, não cansavam de combatê-los, para aprisioná-los e vendê-los. Montoya afirmava que “em tais ocasiões não deve opor-se-lhes resistência, porque, usando de um alfanje¹³, cortam a todos a cabeça ou lhes abrem as entranhas, a fim de amedrontarem aos demais” (MONTROYA, 1997, p. 146).

Resumidamente, estes “loucos frenéticos”, “alarbes”, “beatões”, ou simplesmente bandeirantes, significariam tudo o que havia de pior no ser humano, uma vez que, não tinham a menor chance de salvação. Os bandeirantes seriam hereges, falsos cristãos, que matavam pelo mero prazer de matar, ou pela ganância.

Os bandeirantes seriam o motivo principal que levou Montoya até a corte de Madrid, em 1638, para defender os seus indígenas cristianizados e aterrorizados com a morte e a destruição de suas casas, de seus novos hábitos, e de todas as coisas que passaram a acreditar.

5. Considerações finais

A presente pesquisa sobre as missões do Tape ainda encontra-se em sua etapa inicial, porém já se podem ser feitas algumas considerações. Inicialmente, se pode concluir

¹³ Sabre ou um tipo de facão de folha curva e larga usado pelos povos do Oriente.

que as invasões bandeirantes e a destruição das missões do Tape, como também do Guairá anteriormente, foram o motivo principal que levou Pe. Montoya à Corte de Madrid, em 1638, para defender os seus indígenas cristianizados e aterrorizados com a morte e a destruição de suas casas, de seus novos hábitos, e de todas as coisas que passaram a acreditar. O herói bandeirante, conhecido na historiografia brasileira, dentro de *Conquista Espiritual* é inexistente. Na narrativa de Montoya, estes bandeirantes tornaram-se homens gananciosos que viam na escravidão indígena, uma maneira de obter lucros e mão-de-obra para os seus engenhos de cana-de-açúcar.

Mas, deve-se entender que tais invasões estavam inseridas dentro de um contexto histórico, onde a mão-de-obra escrava, proveniente de Angola estava em poder dos holandeses, o que de certa forma obrigaria os bandeirantes paulistas a criarem um novo tipo de escravidão para sanar suas necessidades econômicas. Além de que a união das coroas ibéricas, até o ano de 1640, facilitava a circulação entre as fronteiras do Tratado de Tordesilhas.

São as idéias de Montoya postas em questão, sem ter um outro ponto de vista para contrapor-las, dentro desta sua narrativa, não nos referindo as Cartas Anuais que foram escritas durante os anos de produção de *Conquista Espiritual*. O que se tem é a visão de uma pessoa sobre um determinado grupo, os bandeirantes, dentro de um determinado processo catastrófico, onde a idéia de salvação religiosa é a única e melhor fonte de sobrevivência.

Algumas afirmações encontradas no livro se devem ao fato de que *Conquista Espiritual* não ser completamente escrito enquanto o jesuíta estava entre os Guarani, parte é do seu diário de campo que teve páginas perdidas durante a viagem para a Espanha, e os “remendos” escritos quando ele estava na Corte espanhola para defender o armamento indígena, devido às invasões e destruições promovidas pelos bandeirantes. Isto demonstra, a princípio, que a narrativa não está de todo completa, o que faz com que ela seja trabalhada a partir de fontes históricas que tratem sobre o assunto.

Ao pesquisar uma obra como *Conquista Espiritual* está se lidando com a memória e com as idéias do autor, que por ser limenho, acabava tendo uma melhor compreensão sobre o indígena, em vista dos jesuítas europeus. Mas, este fato não o fez ter uma visão livre de preconceitos e julgamentos em relação aos Guarani (principalmente, aos rituais de antropofagia e poligamia).

Existem outras representações no livro *Conquista Espiritual*, inclusive sobre os próprios jesuítas, o martírio de alguns deles, como também dos indígenas (seus costumes, crenças, etc.), que não foram tratadas neste presente artigo. Tais representações poderão

ser tratadas futuramente, visto que *Conquista Espiritual* é uma obra muito rica em detalhes, possibilitando novas interpretações, que vão desde a história político-econômica da região até a nova História Cultural, com os campos de representação.

Referências bibliográficas

- AGUILAR, Jurandir Coronado. Conquista espiritual: a história da evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S. I. (1585-1652). Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002.
- CALEFFI, Paula. *O traçado das reduções jesuíticas e a transformação de conceitos culturais*. Veritas, v.37, nº 145, março de 1992. Porto Alegre: PUCRS.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CÉSAR, Guilhermino. Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul: um estudo de fontes primárias da história rio-grandense e acompanhado de vários textos. 2ª ed. Porto Alegre: EDURGS, 1981.
- CHARTIER, Roger. História Cultural: Entre práticas e representações. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand, 1990.
- DELUMEAU, Jean. De religiões e de homens. São Paulo: Loyola, 2000.
- FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. 8ª ed. Porto Alegre: Ediplat, 2006.
- FURLONG, Guillermo. Misiones y sus pueblos de guaranies. Buenos Aires/Argentina: Impre. Balmes, 1962.
- GADELHA, Regina Maria d' Aquino Fonseca. *Montoya e as relações de produção nas Missões*. Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros (VI: 1985: Santa Rosa). Santa Rosa/RS: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1985.
- KERN, Arno Alvarez. Antecedentes Indígenas. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.
- _____. Jesuítas, Guaranis e Sexualidade: Tradição e transformações nas missões coloniais. Lisboa/Portugal: Colóquio Internacional "Sexualidade, família e religião na colonização do Brasil". Fundação C.Gulbenkian, 1998.
- _____. (org.) Arqueologia Histórica Missioneira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- KERN, Arno Alvarez; JACKSON, Robert. Missões ibéricas e coloniais: da Califórnia ao Prata. Porto Alegre: Palier, 2006.
- LAZZAROTTO, Danilo. *Encomiendas e Povos das Missões*. Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros (II: 1977: Santa Rosa). Santa Rosa/RS: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 1977.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. A redução de Jesus Maria, Candelária, RS – Nota Prévia – 1976. Santa Cruz do Sul: Museu do Colégio Mauá, 1976.
- MONTOYA, Antônio Ruiz de. Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. 2ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1997.
- _____. Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1985.

- MOURA, Gabriele Rodrigues de. *A formação do Rio Grande do Sul*. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (org). Visões do Passado: temas do Brasil Colonial. Porto Alegre: Palier, 2006.
- NEUMANN, Eduardo. O trabalho guarani missioneiro no rio da Prata colonial, 1640-1750. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.
- SCHALLENGER, Erneldo. A integração do Prata no sistema colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas do Guairá. Toledo: Editora Toledo, 1997.
- _____. As missões jesuíticas do Guairá: A defesa do índio no processo da colonização do Prata. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1986.
- TECHAUER, Carlos. *História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002. (Coleção Fisionomia Gaúcha)
- TREVISAN, Armindo. A escultura dos sete povos. Porto Alegre: Editora Movimento, 1978. (Coleção Documentos Brasileiros; v.15).
- KERN, Arno A. Do pré-urbano ao urbano: A primeira fase das Reduções na Província do Tape. Entrevista [13 de maio de 2009]. Entrevistadora: Gabriele Rodrigues de Moura. Porto Alegre: PUCRS/CPHO, 2009. 1CD-R (34min e 45seg), estéreo. Entrevista concedida para a disciplina de Estágio II (bacharelado) do Curso de História da PUCRS.